

**Em Louvor da Miniblusa**

**Carlos Drummond de Andrade**

Enviado por:

Publicado em : 16/07/2013 18:47:40

Hoje vai a antiga musa  
celebrar a nova blusa  
que de Norte a Sul se usa  
como graça de verão.  
Graça que mostra o que esconde  
a blusa comum, mas onde  
um velho da era do bonde  
encontrará mais mensagem  
do que na bossa estival  
da rola que ao natural  
mostra seu colo fatal,  
ou quase, pois tanto faz,  
se a anatomia me ensina  
a tocar a concertina  
em busca ao mapa da mina  
que ora muda de lugar?  
Já nem sei mais o que digo  
ao divisar certo umbigo:  
penso em flor, cereja, figo,  
penso em deixar de pensar,  
e em louvar o costureiro  
ou costureira — joalheiro  
que expõe a qualquer soleiro  
esse profundo diamante  
exclusivo antes das praias  
(Copas, Leblons, Marambaias  
e suas areias gaias).  
Salve, moda, salve, sol  
de sal, de alegre inventiva,  
que traz à matéria viva  
a prova figurativa!  
Pode a indústria de fiação  
carpir-se do pouco pano  
que o figurino magano  
reduz a zero, cada ano.  
Que importa? A melhor fazenda  
o mais cetínio tecido,  
que me bota comovido

e bole em cada sentido,  
ainda é a doce pele,  
de original padronagem,  
pois adere a cada imagem  
qual sua própria tatuagem  
que ninguém copiará.  
Miniblusa, miniblusa,  
garanto que quem te acusa  
a cuca há de ter confusa.  
És pano de boca? O palco  
tão redondo quão seleteo  
que abres ao avô e ao neto  
(à vista, apenas), objeto  
é de puro encantamento.  
No cenário em suave curva  
nosso olhar jamais se turva,  
falte embora rima em urva,  
pois é pelúcia-piscina  
onde a ilha umbilical  
vale a urna de São Gral,  
o Tesouro Nacional,  
vale tudo... e lembra a drósera,  
flor carnívora exigente  
que pra devorar a gente  
não cochila certamente.  
Drósera? Drupa, talvez,  
carnoso fruto de vida,  
drusa tão bem inserida  
na superfície polida  
que a blusa desvesteveste.  
Ai, blublu de semiblusa,  
de Ipanema ou Siracusa,  
que me perco na fiúza  
de capturar o mistério  
— Quid mulieris... ? — do corpóreo.  
Mas chega de latinório,  
vaníloquo verbalório  
e versiconversa obtusa  
de tudo que a musa canta,  
pois mais alto se alevanta  
o sem-véu da miniblusa.

Carlos Drummond de Andrade, in 'O Poder Ultrajovem'